

02-08-2021

NAS RUAS

Muza Clara Chaves Velasques

[Professora de história e pesquisadora da ENSP/Fiocruz]

1989. Quinta-feira. Sob confetes, serpentinas e cinzas a cidade parecia descansar do carnaval. A meteorologia anunciava um dia claro, com possibilidades de chuvas esparsas e trovoadas ao entardecer. Porém, os noticiários revelaram para o país que cerca de 300 trabalhadoras e trabalhadores abalaram todas as previsões. Por volta das 8:45 da manhã, surpreendendo os soldados do 1ºBPM que controlavam o trânsito da Av. Presidente Vargas, Rio de Janeiro, trabalhadores do centro de manutenção do metrô com auxílio de canos de ferro, pés de cabra e toda sorte de alavancas, arrastaram em menos de quatro minutos parte da passarela de pedestres, desfeita para dar passagem aos carros alegóricos no desfile de carnaval, e que achava-se desmontada em uma das calçadas.

A estrutura, pesando seis toneladas e com 10 metros de comprimento, tornou o trânsito um caos. Após terem as reclamações ignoradas por dias e o atropelamento de duas trabalhadoras que atravessaram a avenida na noite anterior, deram um ultimato às autoridades para que remontassem a passarela em até 24 horas ou a pista seria novamente bloqueada. Vitória dos Trabalhadores. A história em torno da passarela é mais antiga. Sua construção em 1981 foi resultado da disputa entre a empresa estatal e os metroviários que lutavam pelo posicionamento de sua instalação em frente ao centro de manutenção. Essa e outras disputas revelavam as experiências coletivas do *fazer-se* da classe. Inicialmente, a Associação dos Metroviários (1979) reivindicava a criação de creches e a existência de um conselho de representantes que pudesse levar as demandas dos trabalhadores. No ano seguinte tinha como bandeira a jornada de 6 horas diárias. A fundação do sindicato (1982) não fez a categoria abandonar as ações que não se enquadravam nos *padrões fordistas de organização*. As greves por novas conquistas e direitos, as disputas durante os acordos coletivos, misturavam-se com ações nada "ortodoxas" de luta.

Durante as décadas de 1980 e 1990 (a privatização ocorreu em 1997) o Sindicato dos Metroviários foi uma das maiores forças de representação dos trabalhadores na cidade. Essa movimentação conviveu com as experiências de trabalhadores informais que buscavam sobreviver na ausência de direitos. Os ambulantes cotidianamente protestavam contra as normas, códigos de posturas, violência policial. Os trabalhadores, *precarizados* ou não, mantinham agitações de diferentes modos que envolviam a construção e afirmação das culturas de classe. A informalidade e a precarização do trabalho sempre foram dominantes nos países capitalistas periféricos, junto às experiências do trabalho regulado por novas conquistas de proteção legal. Um e outro apresentaram formas de resistência à mercantilização e a degradação do trabalho. Um e outro reinventaram estratégias a partir de diferentes matizes do sofrimento comum.

2020. Sexta-feira. 1º de julho com promessa de frio e rajadas de vento. As previsões desconsideraram os avisos das trabalhadoras e trabalhadores que prometeram fazer o chão da Av. Paulista tremer durante a primeira Paralisação Nacional dos Entregadores de Aplicativos no país.

As grandes *empresas-plataforma* do capital corporativo assistiram os trabalhadores brasileiros unirem-se a uma luta internacional por direitos. Nas várias capitais do país as reivindicações e denúncias sobre o pagamento de taxas de entrega injustas, as longas jornadas extenuantes para compensar os gastos com seus meios de trabalho, a falsa ideia de autonomia e parceria pautadas num *autogerenciamento subordinado*, a lógica dos algoritmos que efetivam a tecnologia do controle por aplicativos na manutenção da superexploração, a clareza de que os acidentes e adoecimentos - físico e mental - são fruto deste modelo de trabalho e da ausência de garantias de proteção à saúde, tomaram força nas ruas.

Durante a pandemia as desigualdades de classe, raça e gênero, são escancaradas em nossa sociedade.

Os trabalhadores *uberizados*, sem direito à proteção, aparecem como uma das principais categorias atingidas mortalmente.

Evidencia-se aí a lógica do *capitalismo de plataforma* na sua perversa racionalidade do descarte humano.

As manifestações avançam no curso de 2021.

Mais de quatro décadas e várias gerações de trabalhadores separam a ação dos metroviários do *breque dos apps*.

Assistimos o aprofundamento das formas de exploração dos trabalhadores no mundo, destacadamente no chamado *sul global*, com o avanço neoliberal aliançado a projetos de governos privatizantes e de representações golpistas, militares ou não, junto a uma burguesia nacional subalterna ao capital empresarial e financeiro internacional. Se por um lado acelerou-se a destruição dos direitos trabalhistas, enfraquecendo o modelo de luta sindical, o aprofundamento contínuo das contradições entre capital e trabalho, expresso nas novas formas de exploração e controle através das tecnologias digitais, não impediu as *agitações dos trabalhadores urbanos*.

Situadas no contínuo *fazer-se* e *refazer-se* da classe trabalhadora, que articula seus interesses entre si contra aqueles que a oprimem, as agitações dos trabalhadores são capazes de manter os e los geracionais das lutas.

A classe como fenômeno histórico é capaz de unir experiências comuns concretas e processos de consciência de classe que surgem da *mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma*. A invenção de estratégias criativas onde as tecnologias da internet servem à organização da luta, a incorporação das denúncias contra o racismo, a violência sobre a mulher e LGBTQIAP+ nos discursos das ações diretas na ocupação das ruas, as organizações independentes e o cooperativismo ligam-se às greves e às redes de solidariedade entre os trabalhadores, com a criação de novos espaços de conspirações e festividades, de trocas culturais e de tradições e valores entre os trabalhadores.

De diferentes modos, as formas atuais de enfrentamento das trabalhadoras e trabalhadores unem-se às práticas transmitidas por um passado de luta, permitindo-nos enxergar a *universalidade* e particularidades da *luta de classes como central* na transformação social. ■ ■ ■

Citações e referências

* Ailton Nunes contou-me sobre a origem da passarela e outras histórias nas nossas trocas em sala de aula. Foi eletricista e dirigente metroviário com atuação nas décadas de 1980 e 1990/ O Globo.17/02/1989; El País, 1/07/2020 ; E. P. Thompson, 1987; R.Grohmann,2021; R. Antunes, 2020; R. Braga, 2020.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.